



POTENCIAIS DE CRÍTICA A PARTIR DO PENSAMENTO DE CHARLES TAYLOR

Potentials for Critique Based on Charles Taylor's Thought

Odair Camati
UCS

Resumo: Charles Taylor não é um filósofo identificado com a tradição dos teóricos críticos, contudo muitas de suas ideias e concepções filosóficas podem se enquadrar dentro daquilo que se propõe a teoria crítica, quer dizer a partir de uma análise imanente desenvolver diagnósticos de tempo com o intuito de identificar potencialidades e limites para a emancipação humana. Nessa esteira vamos invocar, em um primeiro momento, os conceitos de identidade, de articulação moral, de configurações morais, além de pensar acerca do princípio da melhor descrição com o intuito de oferecer alguns critérios para avaliar o que seria uma vida não alienada, do ponto de vista formal. Em um segundo momento será possível mostrar como esses conceitos se relacionam diretamente àquilo que Rosa, vinculado aos conceitos taylorianos, propõe como a superação da alienação que nada mais é do que a construção de práticas e espaços de ressonância permitindo uma reflexão mais acurada sobre quem somos, nossas práticas e nossas relações.

Palavras-chave Autenticidade. Alienação. Identidade. Charles Taylor.

Abstract Charles Taylor is not a philosopher traditionally associated with the tradition of critical theorists, but many of his ideas and philosophical conceptions can align with the goals of critical theory—that is, to develop immanent analyses to diagnose our time in order to identify the potentialities and limits for human emancipation. In this sense, we will initially work with the concepts of identity, moral articulation, moral configurations, and the principle of best description, aiming to provide criteria to evaluate what would constitute a non-alienated life from a formal perspective. In a second moment, it will be possible to show how these concepts connect directly with what Rosa, drawing on Taylor's concepts, proposes as the overcoming of alienation, which is nothing more than the construction of practices and spaces of resonance, allowing for a deeper reflection on who we are, our practices, and our relationships.

Keywords: Authenticity. Alienation. Identity. Charles Taylor.

Considerações iniciais

Charles Taylor não é um filósofo identificado com a tradição dos teóricos críticos, contudo muitas de suas ideias e concepções filosóficas podem se enquadrar dentro daquilo que se propõe a teoria crítica, quer dizer a partir de uma análise imanente desenvolver diagnósticos de tempo com o intuito de identificar potencialidades e limites para a emancipação humana. Não me proponho aqui a desenvolver uma construção teórica que sirva como justificativa da sentença afirmada acima, vou apontar alguns caminhos que servem como indicadores de potenciais críticos presentes no pensamento do filósofo canadense. Em outras palavras, não pretendo oferecer razões de porquê

deveríamos considerar Taylor um teórico crítico, vou me limitar a apontar potenciais de crítica a partir do pensamento do filósofo canadense.

Tomo como referências centrais aqui as obras *As fontes do self* (1989), *A ética da autenticidade* (2010) e *Argumentos filosóficos* (1995). Três outros autores servirão como interlocutores e oferecerão uma abertura no sentido de compreender os potenciais críticos de Taylor, são eles Axel Honneth¹, Rahel Jaeggi e Hartmut Rosa, esses sim identificados diretamente com a teoria crítica, ao menos os dois primeiros. Uma das reflexões que estará presente no texto versa sobre a possibilidade de identificar diretamente um texto crítico no escopo de textos taylorianos, trata-se d'*A ética da autenticidade*. Nessa obra são apresentados três mal-estares presentes na modernidade e consequentemente na nossa atual forma de vida.

Entretanto, não pretendo defender primeiramente a tese de que existe um livro de Taylor que especificamente apresente uma reflexão vinculada à teoria crítica, entendo que ela estará contemplada de forma indireta com outras reflexões, são elas: (i) o conceito de alienação e suas relações com a articulação moral das nossas experiências e com a identidade e (ii) a relação entre ressonância e autenticidade. No final das contas os dois pontos centrais do texto estão imbrincados.

O debate em torno da alienação voltou a fazer parte das reflexões críticas, especialmente com o texto *Alienation* (2014) de Rahel Jaeggi que propõe uma compreensão formal do conceito. Quando falamos em alienação normalmente perguntamos: alienação em relação ao quê? Em seguida costuma surgir a pergunta: o que é uma vida não alienada? Entendo que a concepção tayloriana de identidade pode ajudar nessa reflexão, pois busca compreender como nos localizamos no mundo enquanto seres humanos. O ponto aqui é pensar o humano como imbricado em relações e contextos que oferecem as fontes morais para sua própria compreensão. O conceito de autenticidade pode ajudar nesse contexto, mas também é possível mostrar que a cultura da autenticidade pode colocar problemas, como o individualismo, a razão instrumental e o distanciamento do exercício político.

Em outras palavras a concepção tayloriana de identidade pode servir como uma resposta não essencialista à pergunta acerca do que seja uma vida não alienada. Nessa esteira vamos invocar os conceitos de identidade, de articulação moral, de configurações morais, além de pensar acerca do princípio da melhor descrição. Em um segundo momento será possível mostrar como esses conceitos se relacionam diretamente àquilo que Rosa propõe como a superação da alienação que nada mais é do que a construção de práticas e espaços de ressonância permitindo uma reflexão mais acurada sobre quem somos, nossas práticas e nossas relações.

1. Identidade, articulação e o debate em torno de uma vida não alienada

A compreensão da alienação, sempre presente nas reflexões dos teóricos críticos, apresenta alguns problemas, especialmente relacionados à questão do que seria uma vida não alienada. O ponto aqui é responder ao questionamento anterior sem cair em uma espécie de essencialismo, quer dizer, como tratar da alienação sem ter que apresentar uma concepção perfeccionista do que seria viver uma vida não alienada. Rahel Jaeggi (2014) busca desenvolver uma concepção formal de não alienação exatamente com o objetivo de escapar do essencialismo. Não vou fazer aqui uma análise acurada dessa concepção, porque me interessa mais como a resposta tayloriana pode contribuir para o debate.

Julian Roberts pode nos ajudar na compreensão do que é alienação:

A alienação é uma noção marxista, psicoterapêutica ou romântica, de que a humanidade é estranha ao mundo natural. Alguma coisa não se encaixa; os seres humanos estão violentando a natureza e, finalmente, a si mesmos. Os trabalhadores passam suas vidas aprisionados em

¹ O presente filósofo pouco aparecerá no texto, mas suas ideias estarão presentes como pano de fundo para o debate.

ocupações que odeiam, criando produtos de que ninguém precisa e que destroem o ambiente em que vivem, envolvidos em conflitos fúteis e enervantes com suas famílias, seus vizinhos, outros grupos sociais e nações.²

No final das contas o sujeito está vivendo uma vida que não é a sua, desconectado do mundo e de si mesmo. Não estou direcionando a análise para a alienação das coisas e dos objetos, por isso a questão do trabalho e dos seus resultados não é tão decisiva aqui. O foco está na forma como o sujeito se relaciona consigo mesmo e com os demais, mas, claro mediado pelo mundo. A discussão aqui é mais social e filosófica e menos econômica. O que me parece pode ser ainda mais problemático porque é exatamente nesse ponto que cabe à pergunta: como definir uma vida não alienada?

Somente um mundo que eu possa tornar "meu" - somente um mundo com o qual eu possa me identificar (apropriando-me dele) - é um mundo no qual eu possa agir de maneira autodeterminada. (...) Entendido dessa forma, o conceito de alienação tenta identificar as condições sob as quais alguém pode entender a si mesmo como sujeito, como senhor de suas próprias ações.³

O ponto decisivo reside em identificar as condições que permitem o desenvolvimento de uma vida não alienada, tirando o foco da questão específica sobre o que é, questiona-se como se chega a uma vida em que o sujeito é o autor das próprias ações. Nesse sentido, cabe uma análise sobre como o sujeito se coloca no mundo, como ele se interpreta nas relações que desenvolve e como pode se desenvolver de maneira autêntica.

Nessa esteira argumentativa, vale notar que o objetivo de Taylor em *As fontes do self* é compreender o pano de fundo que possibilita que atribuamos sentido às nossas ações e, de forma mais ampla, a nossa vida como um todo. Com esse intuito apresenta o conceito de avaliação forte, elemento que possibilita que os indivíduos possam valorar o mundo, as práticas e as relações de acordo com as configurações morais que os circundam. A avaliação forte permite que os indivíduos estabeleçam distinções entre o certo e o errado, o melhor e o pior, o mais elevado e o menos elevado. As avaliações são fruto de nossos desejos e inclinações, mas ao mesmo tempo existem independentes destes e oferecem parâmetros de escolha.

Como Abbey (2000) nos recorda, a avaliação forte é tanto descritiva quanto normativa porque desenvolve avaliações a partir daqueles elementos que são ofertados pelas configurações morais buscando dar conta também do questionamento em torno do que é bom ser não apenas daquilo que devemos fazer. Dessa forma é necessário articular qual é o pano de fundo capaz de conferir sentido moral às nossas ações. Segundo Taylor esse é o fundamento que recorremos sempre que necessitamos justificar uma ação. Além disso, a articulação se torna um elemento central quando da busca de compreender nossas ações morais e nosso espaço no mundo. Temos a capacidade de desenvolver juízos morais de forma intuitiva, mas somente atribuímos sentido a esses julgamentos na medida em que os articulamos dentro do contexto moral em que estamos inseridos.

As configurações oferecem o pano de fundo e a linguagem para a avaliação, mas o sujeito precisa, a partir de uma articulação, desenvolver "discriminações qualitativas fortes."⁴ Esse processo está vinculado à construção identitária porque ao responder à clássica pergunta "quem eu sou?" o sujeito precisará se localizar no espaço moral em que

² ROBERTS, Julian. A dialética do esclarecimento. In: RUSH, Fred (Org). *Teoria crítica*. Tradução de Beatriz Katinsky e Regina Andrés Rebollo. Aparecida: Ideias & Letras, 2008, P. 87-88.

³ JAEGGI, Rahel. *Alienation*. Traduzido por Frederick Nehouser e Alan Smith. New York: Columbia University Press, 2014, P. 48.

⁴ TAYLOR, Charles. *As fontes do self- a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. 3º ed. São Paulo: edições Loyola, 1997, p. 43.

está inserido não sendo suficiente apenas apresentar uma genealogia ou uma descrição simples das atividades que desenvolve.

Perguntar o que uma pessoa é, abstraindo suas auto-interpretações, é fazer uma pergunta fundamentalmente errônea, para a qual não pode haver, em princípio, uma resposta. (...) Mas só somos um self na medida em que nos movemos num certo espaço de indagações, em que buscamos e encontramos um orientação para o bem.⁵

Estaria Taylor assumindo uma posição relativista? Tendo em vista que o objetivo do filósofo canadense é desenvolver uma análise das fontes da identidade moderna, podemos concluir que suas concepções morais respondem aos problemas derivados da modernidade ocidental vinculada aos valores afirmados por essa tradição. Em termos gerais está falando para a tradição moral que estabeleceu como valores fundamentais a liberdade, a igualdade, a justiça e a benevolência. Articular esses valores e identificar o espaço ocupado pelo sujeito são pontos decisivos na constituição identitária e consequentemente na possibilidade de desenvolver uma vida autêntica.

Ainda como uma tentativa de responder ao relativismo é preciso atentar para o princípio da melhor descrição. Dessa forma faz-se necessário compreender o que significa oferecer razões suficientes para uma determinada ação. Aqui o pensador canadense apresenta a distinção entre ética como estabelecimento de critérios do que é o dever ser, da concepção ética que visa responder o que é bom ser, ou do que entendemos por vida boa. Oferecer razões nesse contexto não é o mesmo que encontrar um princípio universal de deliberação ética, mas encontrar as melhores formas de se viver no interior de horizontes de significado. O bem e o certo possuem uma ligação intrínseca com a melhor descrição (MD) que podemos oferecer da realidade e das coisas que nos rodeiam. Ou seja, a ética se articula a partir da melhor descrição que podemos oferecer do que é viver no mundo como ser humano.

Por isso, no entendimento do filósofo canadense, a ética trata da melhor maneira de ser um self articulando o que é o bem no interior de um horizonte de significado, dessa forma a articulação ganha papel central na ética tayloriana, ou em outras palavras, é o MD que pode nos fornecer princípios de valoração e de significação da vida, não apenas do que devemos fazer. Estamos, portanto, diante de uma concepção de razão prática:

O raciocínio prático, como argumentei alhures, é um raciocínio em termos de transições. Ele visa estabelecer não que alguma posição seja absolutamente correta, mas que alguma posição é superior a outra. Tem por preocupação, implícita ou explícita, proposições comparativas. Mostramos que uma dessas alegações comparativas é bem fundada quando podemos demonstrar que o *movimento* de A para B constitui epistemicamente um ganho. (...) A argumentação fixa-se na natureza da transição de A para B. O cerne da prova racional consiste em demonstrar que essa transição produz uma redução de erros.⁶

Uma redução de erros só é possível quando a articulação der conta de validar os elementos derivados das configurações morais mais as avaliações fortes desenvolvidas pelos indivíduos. Entendo que esses dois elementos oferecem encaminhamentos suficientes para responder a qualquer possibilidade de indicar um relativismo na posição tayloriana. Seria possível derivar uma posição comunitarista no pensamento do filósofo aqui analisado, mas não é esse o objetivo nesse momento.

Iniciei o presente item tratando de como o conceito de alienação tem retornado aos debates em torno da teoria crítica, vinculado ao fato de que respostas não

⁵ TAYLOR, Charles. *As fontes do self- a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. 3^a ed. São Paulo: edições Loyola, 1997, p. 52.

⁶ TAYLOR, Charles. *As fontes do self- a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. 3^a ed. São Paulo: edições Loyola, 1997, p. 101.

essencialistas têm sido ofertadas ao questionamento do que seria uma vida não alienada. Após ter apresentado também, de forma muito sucinta, a posição tayloriana pretendo mostrar como essa posição pode auxiliar no debate em torno do que poderia ser compreendido como uma vida não alienada, ao menos do ponto de vista formal.

O primeiro aspecto a ser destacado é a relação entre identidade e bem. O self, segundo Taylor, existe em um espaço de indagações morais e se orienta em direção a um bem ou a um conjunto de bens. O sujeito que tem condições de se localizar nesse espaço de indagações ao mesmo tempo que se relaciona com o bem tem instrumentos para tornar seu o mundo e compreender-se como parte integrante dele e das relações que desenvolve. A articulação entre identidade e bem seria uma primeira ferramenta de identificação do que seria uma vida não alienada.

Um segundo aspecto, também decisivo, diz respeito à articulação e a consequente superação de erros. A articulação vinculada a busca pela melhor descrição que formos capazes de oferecer do nosso mundo moral nos oferece uma ferramenta valorativa no sentido de verificar possíveis inconsistências e debilidades na nossa própria construção identitária, mas também em possíveis impedimentos para que os indivíduos de forma geral superem a alienação, seja com relação a eles mesmos ou também com relação ao mundo no qual estão inseridos.

Um terceiro aspecto derivado da teoria tayloriana é a avaliação forte. Avaliadores fortes possuem a capacidade de identificar e classificar ações e experiências como melhores ou piores, como mais elevadas ou menos elevados, o que consequentemente os instrumentaliza para verificar onde podem estar alienados. A avaliação forte nasce da capacidade instintiva do ser humano para avaliar suas ações, mas precisa passar por um processo de articulação em contraste com os contextos valorativos onde se desenvolvem essas mesmas avaliações. Avaliadores fortes que se comprehendem como pertencentes a uma configuração moral dispõem de ferramentas avaliativas capazes de compreender suas próprias ações, as ações dos demais e também os valores construídos nos contextos morais. Essas ferramentas auxiliam no processo de identificação de uma vida possivelmente alienada.

Um quarto e último aspecto, vinculado aos três anteriores, é a narrativa. A narrativa permite que o sujeito avalie e reavalie, articule e identifique os bens que são valiosos para a sua constituição identitária. Narrar exige que o sujeito se coloque numa posição de avaliação crítica com relação àquilo que vivencia, com a sua forma de se relacionar com os demais e também com o mundo, abrindo caminhos para que seja possível identificar se estaria vivenciando uma vida que não é sua.

O objetivo aqui não foi apresentar uma concepção de vida não alienada, mas possíveis instrumentos e ferramentas que permitam uma avaliação da forma com temos conduzido nossas vidas e nossas relações. Segundo, em termos gerais, a proposta de Jaeggi de apresentar uma concepção formal do que seria uma vida não alienada permitindo que pessoas, em diferentes contextos e em diferentes posições, possam fazer uso desses instrumentos e desenvolver uma avaliação crítica no sentido de buscar a emancipação. Dentro dessa linha de raciocínio o sujeito não desenvolve tais reflexões e avaliações de maneira puramente individual, mas sempre tomando em consideração os bens presentes em seu contexto moral.

A sequência do texto pretende mostrar um segundo aspecto que poderia aproximar o filósofo canadense das reflexões desenvolvidas por teóricos críticos, trata-se da relação entre autenticidade e ressonância. O objetivo é mostrar que a autenticidade exige espaços de ressonância onde o indivíduo tenha a possibilidade de realizar uma auto compreensão minimamente adequada, além de compreender as relações com os demais indivíduos e com o mundo.

2. Ressonância e autenticidade

O objetivo desse segundo momento do texto consiste em aproximar o ideal de autenticidade pensado por Taylor com o conceito de ressonância apresentado por Rosa. A

construção da autenticidade, que é dialógica, implica em espaços de ressonância em que o sujeito tenha a possibilidade de exercer reflexões sobre sua auto compreensão e sobre suas relações com os outros e com o mundo. Dispor de espaços de ressonância implica em tempo para exercer algum tipo de reflexão, tempo que parece não estar disponível pela aceleração presente em nossa atual forma de vida. Para compreender esse fenômeno é preciso analisar o conceito de autenticidade.

Segundo Taylor a modernidade distorceu o ideal de autenticidade transformando-o em cultura da autenticidade gerando três grandes mal-estares, o individualismo enquanto egoísmo, a razão instrumental e como consequência a descrença no processo político. Antes de analisar os mal-estares é necessário olhar para o ideal de autenticidade e seus possíveis potenciais de emancipação. Não vou fazer uma reconstrução da forma como Taylor apresenta, vou me direcionar para aqueles elementos que podem dialogar com a nossa atual forma de vida.

Em suma, podemos dizer que a autenticidade (A) envolve (i) criação e construção, assim como descoberta, (ii) originalidade e, frequentemente, (iii) oposição às regras da sociedade e mesmo potencialmente ao que reconhecemos como moralidade. Contudo, também é verdade, como vimos, que (B) requer (i) abertura aos horizontes de significado (visto que de outro modo a criação perde o pano de fundo que pode salvá-la da insignificância) e (ii) uma autodefinição no diálogo.⁷

Existem vários elementos envoltos na noção de autenticidade que exigem um exame. O ideal moderno de autenticidade sugere que cada ser humano possui uma forma original de ser e de se compreender no mundo exigindo que cada um descubra e articule essa forma original de ser. Com a queda das hierarquias sociais aliada ao colapso da noção de honra, os indivíduos já não são mais reconhecidos somente pelo papel social que exercem, mas também por aquilo que os identifica e diferencia enquanto pessoas. Nesse cenário cada um precisa articular essa originalidade. A análise se direciona agora para os aspectos apresentados na citação acima.

Primeiro, a autenticidade envolve um ato criativo e construtivo/reconstrutivo na medida em que o sujeito articula a sua forma de ser e a coloca diante dos demais, entrando em cena também o conceito de reconhecimento. Dentro de um horizonte moral que oferece linguagens valorativas o sujeito se constitui ao mesmo tempo em que se avalia, tendo a possibilidade da mudança de rota. Esse parece ser um trabalho solitário, contudo, antes pelo contrário, é uma construção relacional que envolve constantes diálogos com os outros, desde os que estão mais próximos até aqueles que nos relacionamos apenas de forma indireta.

Segundo, a autenticidade se relaciona com originalidade, pois os sujeitos são convidados a articular uma maneira particular de ser, não simplesmente copiando comportamentos. Novamente vinculado ao ato criativo e construtivo, mas sempre em relação com os demais no interior de uma configuração moral. Para alcançar a originalidade é preciso compreender o que já existe e como os sujeitos se constroem no contexto em questão. É uma construção individual, mas que não se esgota no sujeito porque tem um caráter relacional.

E, terceiro, a autenticidade pode até mesmo se contrapor aos regramentos sociais no sentido de questionar padrões supostamente imutáveis. O questionamento acontece na medida em que o exercício de articulação de uma identidade original exige que novos instrumentos ou novas compreensões identitárias sejam também construídas. Esse movimento exige uma avaliação coletiva seguida de uma ampliação de vocabulário, da criação de novos instrumentos e práticas, e do desenvolvimento de novas possibilidades para a compreensão da vida individual e coletiva. Novamente não se configura como um exercício puramente individual e apartado de um contexto, pelo contrário esse

⁷ TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. Tradução de Talyta Carvalho. São Paulo: É realizações, 2011, p. 72.

questionamento se desenvolve a partir do vocabulário e das práticas existentes na busca por uma atualização.

O próprio Taylor na citação que apresentamos acima ressalva que o processo de construção da autenticidade se desenvolve no interior de um horizonte de significado e em constante diálogo. O filósofo defende a tese de que a identidade é dialógica e consequentemente vinculada ao reconhecimento.

A tese é de que nossa identidade é moldada em parte pelo reconhecimento ou por sua ausência, frequentemente pelo reconhecimento errôneo por parte dos outros, de modo que uma pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer reais danos, uma real distorção, se as pessoas ou sociedades ao redor deles lhes devolverem um quadro de si mesmas redutor, desmerecedor ou desprezível.⁸

Se nossa identidade é dependente do reconhecimento ou de sua ausência significa também que o processo de articulação da autenticidade depende das nossas relações e da forma como cada sujeito se coloca no mundo. Autenticidade e reconhecimento se apresentam como interdependentes. Dessa forma, e tomando em consideração o fato de que a autenticidade impõe mudanças na compreensão da própria sociedade, concordo com a tese honnethiana⁹ de que o reconhecimento é uma luta, assim como o é a articulação da identidade. Há sempre um tensionamento entre a forma como me apresento e a forma como sou reconhecido, entre a forma como interpreto minhas relações e a forma como o mundo responde a essas interpretações. É um processo constante que pode falhar, abrindo caminho para o que Taylor chamou de cultura da autenticidade.

O ideal de autenticidade quando mal interpretado abre as portas para a cultura da autenticidade implicando nesse processo uma possível existência alienada. Aqui é preciso admitir que a não alienação está vinculada às condições sociais ou àquilo que Taylor chamou de configurações morais, ponto descrito no item anterior. As condições sociais, políticas, econômicas e morais se colocam como decisivas na busca por uma vida não alienada. Dessa forma compreender o cenário em que estamos inseridos se constitui como um ponto de partida determinante.

Segundo Taylor, a cultura da autenticidade gerou três mal-estares, a razão instrumental, o individualismo excessivo e uma espécie de descrença no processo político. Os três males estão interligados e possuem consequências interdependentes. Quando Taylor está apresentando o individualismo como um mal-estar moderno não está pensando na noção de indivíduo e na forma como essa moderna concepção abriu possibilidades de aprimoramento tanto individual quanto coletivo. Em outros termos não está direcionando sua análise para a noção de indivíduo moderno que possibilitou avanços nas noções de liberdade e de igualdade, além de possibilitar reflexões em torno da dignidade humana. Está pensando no fechamento do indivíduo sobre si mesmo e no empobrecimento gerado pela falta de horizontes mais amplos do que os do próprio sujeito.

Há uma tese controversa nessa forma de pensar que se relaciona com a perda de ordens transcendentes que poderiam oferecer sentido à vida dos indivíduos. Porque “ao mesmo tempo que nos limitavam, essas ordens davam significado ao mundo e às atividades da vida social.”¹⁰ O filósofo está aqui reconhecendo o caráter duplo dessa mudança, por um lado o avanço na compreensão moral dos indivíduos e por outro a perda de um horizonte de significado. Sem adentrar nessa disputa o ponto que nos interessa aqui é o fechamento do indivíduo em si mesmo que pode se apresentar como um problema na medida em que perde o espaço de ressonância oferecido pelo ambiente social em que o

⁸ TAYLOR, Charles. *Argumentos filosóficos*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo; Edições Loyola, 2000, p. 241.

⁹ Cf. Honneth, 2003. Não tenho condições de desenvolver adequadamente o pensamento honnethiano nesse momento, mas se apresenta como uma teoria consciente dos constantes tensionamentos envoltos na busca por reconhecimento.

¹⁰ TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. Tradução de Talyta Carvalho. São Paulo: É realizações, 2011, p. 11.

indivíduo está inserido. O fechamento é problemático quando impede essa relação social de ressonância.

O segundo mal-estar é a primazia da razão instrumental elevando a técnica acima de qualquer dimensão humana. Esse processo abre espaço para que os seres deixem de ser vistos como participantes de uma relação e se tornem instrumentos a serviço de simples projetos. O exemplo que se tornou clássico para compreender essa relação é a forma como a abordagem técnica da medicina deixa de lado a pessoa completa e analisa o sujeito como um lócus de um problema puramente técnico. Segundo Taylor, não estamos diante de um problema que está vinculado a uma decisão individual, mas a um contexto que nos pressiona a agir dessa maneira. Em última instância, a solução para o problema passa por uma reflexão ampla e profunda sobre o papel da técnica na nossa forma de vida.

Os dois mal-estares apresentados acima possuem implicações na forma como nos organizamos politicamente. Indivíduos fechados sobre si mesmos e com a impressão de que estão presos numa ampliação da tecnicização do mundo vislumbram poucas possibilidades de mudança derivadas do exercício político.

Uma vez que a participação diminuiu, que as associações periféricas que eram seus veículos murcham, o cidadão individual é abandonado sozinho perante um estado burocrático vasto e se sente, corretamente, impotente. Isso desmotiva o cidadão ainda mais, e o ciclo vicioso do despotismo suave está posto.¹¹

Taylor se apoia em Tocqueville para apontar que o despotismo suave fortalece o sentimento de impotência na medida em que as decisões não são tomadas com a participação efetiva das pessoas, mas a ação do Estado moderado e paternalista paralisa os sujeitos. É como se não fizesse nenhuma diferença participar ou não, visto que a tomada de decisão está distante da vida das pessoas. Com isso é mais confortável ficar em casa cuidando das vidas privadas, desde que o Estado ofereça condições para uma satisfação individual.

Há uma conexão entre o individualismo excessivo, a sensação de que vivemos em uma “jaula de ferro” e o enfraquecimento da participação política. A sensação dominante de paralisia aliada a uma ausência de possibilidade de mudança leva a um fechamento cada vez maior. Isso gera o que o filósofo canadense chamou de ciclo vicioso. A solução passaria pela superação da fragmentação através da restrição do mercado, do desenvolvimento de propósitos comuns, do fortalecimento da participação democrática com a descentralização do poder e o reenquadramento da tecnologia. Não cabe aqui fazer uma avaliação sobre o potencial transformador dessas soluções porque o que interessa nesse momento é o diagnóstico apresentado por Taylor.

Também é possível que o diagnóstico esteja incompleto. Concedo que ele poderia ser ampliado e aprofundado. Contudo, para os propósitos do texto não cabe uma análise nessa direção, pois já é possível perceber que o ideal de autenticidade ou o conceito de autenticidade, da forma como compreendido e vivenciado na modernidade, não nos oferece um caminho seguro para pensar sobre uma vida não alienada. Portanto, uma recuperação do ideal de autenticidade relacionado com os conceitos de identidade, avaliação forte e com o princípio da melhor descrição (MD) pode ser um caminho de reflexão acerca do que seja uma vida não alienada.

Para dar conta desse desafio é que proponho uma análise do conceito de ressonância tal qual apresentado por Hartmut Rosa. Segundo o pensador alemão ressonância se coloca como oposta à alienação e também como um conceito mais promissor do que o reconhecimento quando da análise crítica da sociedade¹². Nesse momento me interessa a primeira tese, portanto, a segunda não aparecerá na sequência do texto. Entendo também que o conceito de ressonância se relaciona diretamente com os

¹¹ TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade* Tradução de Talyta Carvalho. São Paulo: É realizações, 2011, p. 19.

¹² Rosa faz referência direta à Honneth e à concepção de que o reconhecimento implica luta. A vantagem teórica da ressonância se dá na direção de não implicar necessariamente uma luta. Cf. Rosa, 2019.

conceitos de configuração moral, avaliação forte e o princípio da melhor descrição derivados de Taylor que apresentamos na seção anterior do texto. A ideia é mostrar que a ressonância oferece um caminho de resposta à alienação servindo-se, mesmo que indiretamente, da teoria tayloriana.

Rosa segue a compreensão de Jaeggi de que a alienação se caracteriza como uma insuficiência relacional, quer dizer, não se apresenta como ausência de relação, mas como uma insuficiência, notadamente na forma como se desenvolvem as relações do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o mundo. “Alienação diz respeito, portanto, a um modo de relação no qual sujeito e mundo se colocam um ante o outro intrinsecamente desconectados, no qual a assimilação de um fragmento do mundo fracassa.”¹³. Fracassa exatamente pela ausência de ressonância.

A ressonância impulsiona os sujeitos a buscarem novas formas de relação com os outros e com o mundo, mas não implica em construções harmoniosas, antes engloba a contradição. O objetivo não é construção de uma sociedade de indivíduos concordantes, mas indivíduos que respondem uns aos outros e ao mundo. A apropriação não se desenvolve sem contratemplos, pois retira os sujeitos da inercia e os obriga a entrar em relação e a responder àquilo que está sendo apresentado pelos outros e pelo mundo. O decisivo aqui é responder, não lograr uma concordância.

A resposta se dá na medida em que os sujeitos dispõem de tempo e das condições para se apropriarem de si mesmos e do mundo. Apropriação entendida aqui como uma compreensão crítico-construtiva que leva os sujeitos a refletirem sobre a forma como desenvolvem suas relações. É como se a capacidade de olhar a si mesmo como um avaliador forte no interior de um contexto valorativo levasse o sujeito a desenvolver descrições do que é viver enquanto humano, para em seguida, as colocar em xeque no intercâmbio com os demais sujeitos que também estão desenvolvendo esse mesmo processo. O resultado seria uma descrição mais acurada no que é viver no mundo moral como sujeito humano.

A ausência de ressonância está ligada à aceleração presente em nossa atual forma de vida.

Como resultado, o tempo parece ‘correr nos dois sentidos’: passa muito rápido e se exaure na memória. Isso, na verdade, pode até mesmo ser a explicação central para nossa sensação tardo-moderna da alta velocidade do tempo. Tal como nossas ações e mercadorias, o que ocorre aqui é uma falsa ‘apropriação do tempo’, nós não conseguimos fazer do tempo de nossas experiências o ‘nossa’ tempo: permanecemos alienados dos episódios de vivência e do tempo que lhes devotamos.¹⁴

A incapacidade de fazer do tempo o nosso tempo, ou de nos apropriarmos das nossas vivências nos torna cada vez mais estranhos para nós mesmos e dificulta o processo de compreensão do mundo. Da mesma forma que qualquer processo democrático precisa de tempo de maturação e desenvolvimento também o sujeito necessita. Dessa forma, quando não se apropria de si mesmo e do mundo tendo que dar conta de uma série cada vez maior de atividades em um tempo cada vez menor, o sujeito tem grandes dificuldades de apropriar-se do que está fazendo. Segundo Rosa não estamos diante apenas de uma sensação de falta de tempo, mas de uma forma de organizar as nossas vidas que exige o cumprimento de uma série de atividades, sem o devido tempo para significar o que estamos fazendo.

Retomando a ideia de que a alienação é uma insuficiência relacional, a ausência de tempo é um dos principais entraves porque impede que o sujeito desenvolva uma compreensão adequada de si mesmo e de suas relações. Com pouco tempo e com

¹³ ROSA, Hartmut. *Aceleração. A transformação das estruturas temporais da modernidade*. Tradução de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. XXXVII.

¹⁴ ROSA, Harmut. *Alienação e aceleração. Por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*. Tradução de Fábio Roberto Lucas. Petrópolis: Vozes, 2022, p. 141.

dificuldades para desenvolver relações ressonantes o sujeito acaba se tornando um “estranho no mundo que ele mesmo criou”, sentindo-se como se estivesse constantemente fora de casa. Nessa condição sujeito e mundo se afastam e perdem qualquer relação responsiva. “Ressonância não diz respeito a um estado emocional, e sim a um modo relacional no qual o sujeito e o mundo colocam-se numa relação responsiva.”¹⁵

Estamos diante de um sujeito que necessita de condições para se afirmar autenticamente diante dos outros e do mundo. No entanto, isso só é possível quando ele estabelece relações responsivas, ou seja, não alienadas. A possibilidade de tempo para espaços de ressonância se relaciona diretamente com o desenvolvimento da autenticidade, enquanto ideal, porque ofereceria espaços de relação, além da possibilidade de repensar o papel da técnica e por fim abrindo espaços de interlocução política onde os indivíduos, de fato, se sentem como pertencentes e participantes ativos. Não tenho condições aqui de oferecer encaminhamentos de resposta efetivo-concreta que permitam superar esses problemas. O objetivo aqui é mais modesto, a saber, desenvolver uma reflexão que identifique os problemas relacionados à alienação.

Considerações finais

A presente reflexão buscou articular os conceitos de alienação como compreendida por Jaeggi com os conceitos taylorianos de autenticidade, identidade, configuração moral e princípio da melhor descrição. Ainda buscou mostrar como o conceito de ressonância de Hartmut Rosa oferece um encaminhamento teórico promissor no sentido de indicar uma possível alternativa à alienação que mesmo indiretamente está presente nos conceitos taylorianos. A ideia geral é que Taylor, mesmo não sendo um teórico crítico, oferece boas ferramentas para uma análise crítico imanente da nossa atual forma de vida.

Mais especificamente, é possível derivar do filósofo canadense importantes ferramentas de compreensão do que significa viver no mundo como ser humano. Creio que nessa direção é possível oferecer uma resposta não essencialista à pergunta, o que é uma vida não alienada? O sujeito que busca a autenticidade a partir de uma construção identitária dialógica, que se propõe a compreender a configuração moral em que está inserido além de articular as suas fontes e critérios morais está mais perto de viver de uma forma em que possibilite desenvolver espaços de ressonância sobre si mesmo e sobre as suas relações.

Se a pretensão é desenvolver uma teoria crítica, seria preciso dizer mais sobre como poderíamos superar os problemas derivados da alienação. Contudo, na esteira de Jaeggi é possível desenvolver ou buscar desenvolver uma teoria formal do que seja a alienação e com isso apresentar critérios de análise que sirvam para diferentes contextos e diferentes possibilidades, sem necessariamente comprometer-se com uma teoria delimitada e possivelmente perfeccionista do que seja uma vida não alienada. Rosa busca dar um passo além indicando que a ressonância poderia ser uma categoria promissora de análise social.

Portanto, entendo ser possível identificar potenciais de crítica no pensamento de Taylor que podem oferecer instrumentos avaliativos e críticos da forma como organizamos nossas vidas. Oferecer encaminhamentos não essencialistas para a reflexão em torno da alienação junto com a oferta de instrumentos de compreensão do sujeito e das suas relações é sem dúvida uma importante contribuição para as teorias sociais e políticas.

¹⁵ ROSA, Hartmut. *Aceleração. A transformação das estruturas temporais da modernidade*. Tradução de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 15.

Referências bibliográficas

- ABBEY, Ruth. *Charles Taylor*. Princeton, Princeton University Press, 2000.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.
- JAEGGI, Rahel. *Alienation*. Traduzido por Frederick Nehouser e Alan Smith. New York: Columbia University Press, 2014.
- ROBERTS, Julian. A dialética do esclarecimento. In: RUSH, Fred (Org). *Teoria crítica*. Tradução de Beatriz Katinsky e Regina Andrés Rebollo. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.
- ROSA, Hartmut. *Aceleração. A transformação das estruturas temporais da modernidade*. Tradução de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- _____. *Alienação e aceleração. Por uma teoria crítica da temporalidade tardomoderna*. Tradução de Fábio Roberto Lucas. Petrópolis: Vozes, 2022.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do self- a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. 3º ed. São Paulo: edições Loyola, 1997.
- _____. *Multiculturalismo*. Trad. de Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- _____. *Argumentos filosóficos*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo; Edições Loyola, 2000.
- _____. *A ética da autenticidade*. Tradução de Talyta Carvalho. São Paulo: É realizações, 2011.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Doutor em Filosofia (Unisinos, 2018)
Professor do Curso de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Professor do PPG Filosofia da Universidade de Caxias do Sul (UCS)
E-mail: ocamati@ucs.br